

Percepções sobre a profissionalização no Brasil

Pesquisa realizada pela CNI faz raios-X do atual cenário brasileiro no que se refere aos cursos profissionalizantes

Antes estigmatizados como forma de capacitação voltada exclusivamente para as classes menos abastadas da sociedade, os cursos profissionalizantes hoje chegam a outras camadas da população e ganham cada vez mais terreno quando o assunto é qualificação profissional. Essa mudança de percepção em parte da população brasileira é revelada pela pesquisa *Retratos da sociedade brasileira: educação profissional*, realizada pela Confederação Nacional da Indústria (CNI) e divulgada em janeiro deste ano.

A pesquisa, que ouviu 2002 pessoas em 143 municípios do País, mostrou que 55% dos entrevistados discordam totalmente ou em parte de que só estuda em escola profissionalizante quem

pertence a uma classe social mais baixa, enquanto 36% afirmam concordar total ou parcialmente com a afirmativa. Ainda de acordo com o estudo, 69% dos entrevistados afirmam considerar o nível dos cursos profissionalizantes no Brasil como ótimo ou bom.

O superintendente nacional do SESI e diretor-geral do SENAI, Rafael Lucchesi, comemora essa mudança cultural e a avalia como fundamental para o crescimento do País, principalmente por dar outras oportunidades à população jovem, além da educação superior.

“Culturalmente, a sociedade brasileira tem hoje uma percepção de que a educação profissional é algo importante para o in-

gresso no mercado de trabalho, pois prepara o jovem para entrar mais cedo no ambiente profissional, além de abrir mais oportunidades de remuneração. Acredito que isso é uma clara superação de um preconceito que eventualmente houve no passado.”

Educação profissional abre portas para o mercado de trabalho

Essa é a opinião de 90% dos entrevistados que, de acordo com a pesquisa, acreditam que quem faz um curso profissional tem mais oportunidades no mercado de trabalho do que os que não fazem nenhum curso, sendo que 72% concordam totalmente com essa afirmação e 18% concordam parcialmente.

De forma geral, a pesquisa evidenciou que a percepção do brasileiro dá conta de que o trabalhador com certificação profissional tem não apenas melhores oportunidades de trabalho, mas também de salário: 82% afirmam concordar total ou parcialmente que as pessoas que têm um certificado de qualificação profissional têm salários maiores do que aqueles que não têm um certificado. A pesquisa mostrou ainda que 24% dos entrevistados dizem não acreditar que o salário de quem faz um curso técnico é menor do que o de quem faz um curso superior na mesma área.

“A população brasileira percebe claramente que a educação profissional amplia suas oportunidades no mercado de trabalho”, diz Lucchesi, que ressalta a importância de os jovens que saem do ensino médio estarem procurando os cursos profissionalizantes como forma de qualificação,

já que a pesquisa comprova que o profissional com curso técnico ganha, em média 15% a mais do que o trabalhador que possui apenas o ensino médio.

Contudo, mais do que apenas oferecer ao jovem que deixa o ensino médio uma forma de se capacitar profissionalmente, a pesquisa mostra que grande parte dos entrevistados deseja também que o próprio ensino transmitido nas instituições seja cada vez mais conjugado com a questão da qualificação profissional e que os jovens já saiam da escola com definições concretas sobre as áreas que pretendem seguir.

Essa é a visão de 93% dos entrevistados, que acreditam que a educação profissional não deve ser realizada isoladamente, mas sim complementar à educação regular. Para eles, o governo precisa oferecer mais cursos de ensino médio que também ensinam uma profissão (curso integrado com o ensino profissional), sendo que 77% concordam totalmente com a frase e outros 16% concordam em parte. Além disso, 86% dos que foram ouvidos pelo estudo concordam que o ensino profissionalizante deveria ser obrigatório no nível médio.

Rafael Lucchesi afirma que o Brasil já possui algumas ações que vão ao encontro desses anseios, mas ressalta a importância de ações do tipo serem ampliadas para que uma parte maior da população que procura por esse nível de formação seja atendida.

“O Pronatec, o maior programa de educação profissional já feito nesse País e que tem no SENAI o seu grande parceiro, vai exatamente ao encontro dessa





percepção da população brasileira, que sabe da importância da educação profissional, que ainda apresenta uma efetividade de baixa. Criar oportunidades e possibilidades para a educação profissional é algo que vem ao encontro dos anseios da população brasileira.”

A necessidade de tornar real essa expansão é expressa pelo fato de a demanda de pessoas que entram nesses cursos técnicos já ser grande e tender a se expandir ainda mais. Segundo o estudo, 25% da população brasileira já frequentou um curso profissionalizante. De acordo com a pesquisa, a grande maioria das pessoas que optam por essa formação tem na percepção de acesso mais rápido ao mercado de trabalho a principal motivação pela escolha.

O estudo dá conta ainda de que nove em cada dez pessoas que ingressam em cursos profissionalizantes conseguem concluí-lo. No entanto, os 10% restantes apontam a falta de tempo e de recursos financeiros como principais motivadores do abandono.

Rafael Lucchesi diz que, atento a essas demandas, o SENAI tem o objetivo de ampliar cada vez mais as formas de aprendizagem, fazendo com que os modelos educacionais oferecidos pelos cursos possam não só atender a uma gama maior de pessoas, como também contribuam para que o número de desistências diminua.

“Um dos objetivos do SENAI é avançar em cursos semipresenciais. É possível que uma parte desses cursos aconteça a distância, o que daria uma capacidade de abrangência maior das possibilidades de educação profissional”, encerra. ■

©Eduya Pawlowska/PhotoPress